

A METANOIA DE UMA CONVERSÃO: TRANSFORMANDO COSMOVISÕES PELA RENOVAÇÃO DA MENTE

THE METANOIA OF A CONVERSION:
TRANSFORMING COSMOVISIONS FOR
THE RENEWAL OF THE MIND

Jhonata Santos de Assis⁷⁶



⁷⁶ Bacharelado em Teologia pela Faculdade Internacional Cidade Viva.

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de investigar o processo de conversão, especificamente ao cristianismo. Para isso, remontamos aos conceitos originais empregados nos termos. Caminhamos também um pouco pela história para verificar o processo de tradução dos termos até os dias de hoje e como se deu a perda do seu sentido original. Para efeitos práticos, analisamos quatro paradigmas de contextos diferentes que envolve ciência e ateísmo, hinduísmo e judaísmo com o fim de observamos as transformações em suas respectivas visões de mundo. O método de pesquisa utilizado para tal se deu de forma qualitativa a partir de um referencial teórico baseado em livros e uma pequena fração a partir de depoimento em vídeo.

PALAVRAS-CHAVE

Conversão, Metanoia, Cosmovisão Cristã, Transformação.

ABSTRACT

This article aims to investigate the process of conversion, specifically to Christianity. For this, we go back to the original concepts used in the terms. We also walk a little through the history to verify the process of translation of the terms until the present day in order to find out how the original concept was lost. For practical purposes, we analyze 4 paradigms from different contexts and observe the transformations in their respective worldviews. The research method used for this was given qualitatively from a theoretical reference based on books and a small fraction from video testimony.

KEYWORDS

Conversion, Metanoia, Christian Worldview, Transformation.

1. INTRODUÇÃO

O homem busca o transcendente. Essa busca pode ser vista por toda a história. Se analisarmos toda e qualquer civilização no processo histórico, poderemos perceber que cada uma delas possui uma crença pela qual julgam explicar a vida e seus desdobramentos. Basicamente os mistérios que envolviam a realidade eram explicados pela criação ou concepção de deuses.

Daí surgem os mitos e rituais que mais tarde se desenvolve numa espécie de religião. No mundo antigo ideia de religião e rito era baseada na efetividade, ou seja, consistia em um relacionamento de troca de favores entre os homens e os deuses.

Para os índios “Os mitos não são fantasia ou ficção, e sim a explicação do universo” (FUNARI, 2009). Os egípcios tinham uma obsessão pela vida eterna e a perpetuação da alma. Os maias acreditavam no tempo cíclico e na vida após a morte. Os incas, na fusão da terra com a espiritualidade. O hinduísmo, com sua enorme quantidade de variações, no carma e na reencarnação. Os persas, numa salvação para todos os homens que só dependia de suas atitudes e da escolha entre fazer o bem ou o mal. Por tanto, toda civilização tem uma narrativa própria ao buscar responder e dar sentido à vida. Cada cultura desenvolve seus mitos e crenças próprias sobre a vida e a realidade que os cerca.

Com o advento da globalização e o desenvolvimento da tecnologia, obtivemos o conhecimento de costumes e tradições que antes estavam restritos aos seus territórios. No que diz respeito a religião por exemplo, no mundo, existem mais de 4.300 grupos religiosos de acordo com o *Adherents.com*⁷⁷, o mundo se tornou plural. De acordo com Newbigin (2016, p.13) “O pluralismo é concebido como sendo uma característica própria da sociedade secular, na qual não há um padrão oficialmente aprovado de crenças ou condutas”. Em consonância com Newbigin, Keller (2018, p. 14) afirma que somente um Estado secular, onde não existe uma instituição religiosa adotada, poderia dar origem a uma sociedade genuinamente pluralista e a um “supermercado de ideias”.

Diante desse verdadeiro “supermercado” cabe a cada um escolher o “produto” que mais atende a sua “necessidade”. Muitos herdaram a tradição religiosa de seus pais e alguns com o passar do tempo acabam abandonando esta para se integrar naquela. Essa migração entre uma crença e outra denomina-se conversão. A conversão é um processo complexo que implica uma mudança profunda na integralidade do converso, ela deve causar uma verdadeira revolução na identidade pessoal de quem se propõe a tal. A falta de um conhecimento verdadeiro sobre a crença que se propõe causa uma verdadeira distorção de identidade. No caso da religião cristã, por exemplo, existem muitos movimentos que em

⁷⁷ http://www.adherents.com/Religions_By_Adherents.html

muitas perspectivas se tornam quase que antagônicas ao que se revela ser o Evangelho. A enorme quantidade de denominações que são fundadas, em geral, por desavença entre seus líderes, causam grandes distorções na identidade do Evangelho. Cabe examinar a Revelação contida nas Escrituras Sagradas para averiguar doutrinas e comportamentos muitas vezes ditos como sendo verdadeiros, segundo o Evangelho, mas se examinarmos com uma lupa veremos que não o são.

O “imperialismo religioso”, a partir do proselitismo, é uma atividade que contribui para a concepção de um evangelho falso na tentativa corrupta de produzir conversões. Com o anseio de conseguir mais integrantes à sua comunidade, muitos líderes religiosos têm substituído a mensagem do evangelho por técnicas imprudentes e levianas de persuasão. A partir daí nascem correntes ou vertentes do cristianismo. Assim é concebido um evangelho pragmático, cultural, filosófico e social. Pessoas são atraídas por essas vertentes e acabam se “convertendo”, mas na verdade, a transformação que esse processo exige não acontece. Essa realidade aliada a um sentimento de superioridade daqueles que se acham cristãos, fazem com que a conversão seja alvo de suspeita, descrença e ceticismo.

Precisamos entender que existe somente um evangelho. Não podemos cair em um cristianismo da moda. Esses “tipos” de cristianismo que colocam o homem como centro de sua atividade (pragmático). Outros usam as Escrituras como palanque político social defendendo que Cristo veio redimir a sociedade engajando-se na luta pelos direitos das minorias (social). O evangelho filosófico também tem atraído muitos por seu discurso intelectual, no entanto, a mudança acontece somente na mente, no campo das ideias, somente existindo no debate acadêmico. Já o evangelho cultural tem o propósito de se relacionar com as culturas afirmando que o propósito de Deus é a restauração de todo o cosmos. Eles não pregam o evangelho visando uma transformação da cultura. Muitos tem usado essas iscas para atrair pessoas de todos os nichos, mas infelizmente, a conversão da metanoia não é aplicada. Não há transformação real.

O Evangelho é completo. Quando não o praticamos de maneira fiel ao que ele é, corremos o risco desenvolver uma estrutura teológica baseada em uma parcialidade do montante, ou seja, usamos do Evangelho somente aquilo que achamos que vai

dar certo para um público específico. Se meu público alvo são os intelectuais, então, vou desenvolver o sistema filosófico para atraí-los. Se são os mais pobres que quero alcançar, então me engajarei em atividades político-sociais. Não estou querendo fazer críticas a essas iniciativas, cada uma delas é de grande importância para nós. O problema está relacionado a permanência destes no nicho, é por isso que nossas igrejas estão cheias de “cristãos” ativistas sociais defensores de ideais marxistas, arrogantes filosóficos e adeptos de costumes comportamentais contrários ao bíblico. Não há conversão verdadeira

Nosso foco é identificar a base fundamental do Evangelho e constatar, baseado nele, as mudanças estruturais na vida de quem se converte ao cristianismo, pois só entenderemos o que é a conversão se soubermos o que é o Evangelho. Para uma abordagem um pouco mais profunda, etimologicamente falando, observaremos os usos originais dos termos gregos que compõem o conceito de conversão. Analisaremos seu ponto filosófico e teológico. Para efeitos práticos, observaremos a transformação efetiva na vida de Agostinho por sua vida de luxúria pré-conversão, do apóstolo Paulo como um judeu ex-perseguidor do cristianismo, do cientista renomado Dr. Francis Collins como paradigma para quebrar a relação conflituosa que existe entre a fé e ciência e por fim, abordaremos também um pouco do testemunho de Rajkumar Ramchandran que veio do hinduísmo e hoje é um grande evangelista pregador do evangelho do Único Deus vivo. Precisamos dessa abordagem para podermos comprovar o que é e qual o efeito que uma conversão autêntica causa na vida de um convertido. Muitos dizem ser de Cristo, mas não compreendem o que é ser de Cristo. Muitos se denominam evangélicos, mas, não sabem o que é o Evangelho. Se dizem convertidas, mas na verdade não o são.

2. CRIAÇÃO, QUEDA E REDENÇÃO: A BÍBLIA COMO BASE DE UMA COSMOVISÃO

A Bíblia é o manual de todo cristão. Nela encontramos uma narrativa que se inicia com a origem do mundo e finaliza com a concretização de uma vida pós morte. Ela inicia com seu Gênesis e finaliza com o Apocalipse. Nos encontramos no meio desse percurso. Por ela todo cristão deve moldar sua vida. É uma meta narrativa que exige para si reivindicações universais. A partir dela

se desenvolve o que se chama de “cosmovisão bíblica” ou “cosmovisão cristã”.

De uma maneira bem simples, podemos dizer que uma cosmovisão expressa um conjunto de crenças que são basilares e formativas para o pensamento e a vida do ser humano (BARTHOLOMEW & GOHEEN, 2016, p. 38). É o compromisso, a orientação fundamental sobre a constituição básica da realidade que fornece o fundamento pelo qual vivemos, nos movemos e existimos (SIRE, 2018, p. 26). Todos os nossos pensamentos, conceitos, relacionamentos, preferências, afazeres diários, senso ético-moral, são estruturados a partir dessa base, é ela quem identifica quem você é. A cosmovisão por tanto, são os óculos pelos quais enxergamos o mundo e nos relacionamos com ele.

A humanidade em geral, vive um dilema existencial. Quem eu sou? De onde eu vim? Para onde vou? Essas são as perguntas que penetram o âmago da consciência humana. Em busca destas respostas os homens desenvolveram uma grande diversidade de sistemas de conhecimentos para tentar solucionar o problema deixado por este vazio. Muitas são as narrativas que se julgam detentoras destas respostas. Onde encontrar o sentido da vida? O materialismo já não é mais o suficiente. A busca pelos prazeres já não é mais satisfatória. O ascetismo nos cega. O ceticismo é uma loucura. Os maiores anseios humanos em relação as dificuldades na saúde, finanças, autoestima, família, entre outros, podem ser solucionados por alguma filosofia ou religião?

Mesmo que venhamos a resolver todos os problemas relacionados ao temporal, ainda nos resta a questão da eternidade. Essa é a preocupação base da religião. Como pode a humanidade alcançar a salvação? O que eu devo fazer? Que caminho percorrer? Tudo isso vai depender de qual perspectiva a sua vida faz parte. A importância desta resposta é vital pois o que está em jogo é a vida eterna. Blamires vai enfatizar que esta deve ser a primeira característica importante da mente cristã:

A primeira e importante característica da mente cristã é que ela cultiva perspectiva eterna. Isto é o mesmo que dizer que ela olha além desta vida para uma outra. Ela orienta-se sobrenaturalmente e passa a concentrar-se nas considerações terrestres sobre a existência do céu e do inferno. (BLAMIRE, 2006, p. 71)

Como Newbiggin (2016, p. 31) aponta: o modo de compreendermos a vida humana depende de que concepção temos da história humana. Qual é a história verdadeira da qual minha vida faz parte? O teísmo cristão acredita que esse mundo e todas as coisas que nele existem foram criados por Deus. O próprio Deus criador é quem sustenta a vida intervindo quando lhe apraz em sua criação e por isso todo o cosmo está cheio de sua glória. Tudo tem seu início, meio e fim. Nele, por ele e para ele, como bem explana James Sire e Harry Blamires, toda a existência tem um significado:

A cosmovisão cristã é única em vários aspectos, e um deles, longe de ser pouco importante, é a forma como ela serve de epicentro para o significado último da vida – não apenas o significado da história ou da existência humana em termos abstratos, mas o significado da vida para cada cristão. (SIRE, 2018, p. 53)

A mente cristã considera que a vida e a história humanas estão nas mãos de Deus. Vê o universo inteiro sustentado pelo poder e amor do Senhor. Considera a ordem natural dependente da ordem sobrenatural, e o tempo encerrado na eternidade. Percebe esta vida como uma experiência inconclusiva, que apenas nos prepara para outra. (BLAMIRES, 2006, pp. 71-72)

A cosmovisão cristã possui uma narrativa que compreende toda a realidade. O mundo, a vida e seus desdobramentos são perfeitamente explicáveis pelos relatos encontrados na Bíblia. Devemos entendê-la como sendo o desenvolvimento de uma única história. Nela encontramos a origem do universo, a criação de toda a vida, o desenvolvimento da humanidade, o problema do mal, a redenção da humanidade e a vida eterna pós morte. Tudo isso faz parte de um plano detalhado por um Deus Criador e pessoal que interage com sua criação fazendo-se conhecido. Não devemos entender o Cristianismo como sendo uma nova religião revolucionária com o objetivo de levar a salvação a humanidade. “Ele conta como Deus está dirigindo a história humana para o estabelecimento de seu Reino e a redenção de toda a criação pós rebelião do homem no jardim”. (BARTHOLOMEW & GOHEEN, 2017, p. 14)

Precisamos definir que uma concepção errada do evangelho traz sérios desafios tanto àqueles que o professam de maneira autêntica como os que acreditam estar o fazendo dessa

maneira. Para início de conversa temos que conceber que o Evangelho de Cristo não pode se enquadrar na concepção de religião que temos hoje. Ele está muito além de um conjunto de crenças, muito além de um tratado moral, mas do que uma herança, embora seja entendido racionalmente, não é limitado a pura razão além de ser muito mais que um estilo de vida.

O cristianismo não é uma série de verdades no plural, mas é a Verdade escrita com V maiúsculo. É a Verdade sobre a realidade total, não apenas sobre assuntos religiosos. O cristianismo bíblico é a Verdade concernente à realidade total; é a propriedade intelectual dessa Verdade total, e então vive segundo essa Verdade⁷⁸.

Como portadores dessa verdade, devemos enxergar que o Evangelho é o modo pelo qual o Deus Criador, Sustentador e por tanto Senhor, Salvador e Redentor se revela a sua criação. E assim, se aceitamos a Verdade do Evangelho somos também comissionados a ser participantes integrais nessa missão, pois, segundo Christopher Wright, a nossa missão flui da missão de Deus e dela participa:

Fundamentalmente, nossa missão designa nossa participação ativa como povo de Deus, a convite de Deus, segundo o mandamento de Deus, na missão do próprio Deus, realizada na história do mundo de Deus, para a redenção da criação de Deus. (WRIGHT C. J., 2014, p. 20)

Uma vez entendido que o cristianismo tem total abrangência sobre a criação e que Deus é o governante sobre todas as esferas da vida, compreendemos que toda a totalidade da nossa vida deve ser regrada pelo crivo bíblico. Negócios, artes, política, educação, família, justiça, enfim, toda a totalidade da vida. Como afirma Blamires (2006, p. 52) “Não há em nossa experiência, por mais trivial, mundana, ou mesmo má que seja, que não possa ser pensada de forma cristã”. Desenvolver esse pensamento é de extrema importância. A missão da igreja não se resume a ficar esperando a volta de Jesus se “ocupando” de oração, adoração, estudo bíblico, comunhão, enfim das disciplinas espirituais.

⁷⁸ Francis Schaeffer. *Universidade de Notre Dame, 1981. Citado por Nancy Pearcey. Verdade Absoluta: libertando o cristianismo de seu cativo cultural; tradução Luis Aron. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.*

Precisamos sim exercitar todas elas, no entanto, nossa vida não pode se limitar a elas, dessa forma nossa fé se torna privatizada. O Evangelho deve compor toda a nossa realidade.

Para resumir, a Cosmvisão cristã se divide em três grandes momentos: Criação, Queda e Redenção. Por meio dessa tríade podemos desenvolver as respostas para algumas perguntas que mais atormentam os pensamentos das pessoas. Como tudo começou? O que deu errado? O que fazer para reparar o erro?

2.1 CRIAÇÃO

A Bíblia começa com a narrativa da criação: No princípio criou Deus os céus e a terra⁷⁹. Pearcey (2006, p. 49) comentando sobre essa narrativa enfatiza que Deus é a fonte exclusiva da ordem criacional. Nenhum outro concorre com Ele. Não existe outra fonte ou ordem natural. São as suas palavras que ordenam e estruturam o mundo. As leis da física e da natureza humana como a ética, política, economia, são todas estruturadas por Ele. Nada é neutro. Tudo está debaixo de sua autoridade. Goheen (2017, p. 38) diz que a narrativa bíblica de Gênesis 1 afirma contar a verdade sobre o mundo de forma que contradiz qualquer outra narrativa sobre o assunto. Isso é muito mais que uma disputa. Gênesis também visa nos ensinar o que a fé em Deus para nossa maneira de pensar o mundo que Ele criou e de como viver nele. Essa é a base para a cosmvisão cristã. Deus criou os seres humanos e os colocou num paraíso maravilhoso para desfrutar uma íntima companhia com seu Criador. Este não é um deus que cria a humanidade com único fim de servi-lo.

2.2 QUEDA

Em meio a perfeição da criação o homem se desvia do desejo de Deus por meio de sua desobediência. Aqui ressalta Pearcey (2006, p. 49) que em consonância com a universalidade da criação assim também se da queda. Todas as partes da criação foram atingidas por essa rebelião contra o Criador. Os efeitos noéticos da queda pervertem, transtornam, desordenam e descaracterizam nossa habilidade de entender o mundo. Daí se

⁷⁹ *Gênesis 1:1*

seguem inúmeros casos de idolatria que é a perversão do primeiro e grande mandamento. Não era necessária uma lei escrita para apontar o caminho em que a humanidade deveria andar. Ela já caminhava nele. No entanto, a queda desfigura essa realidade. É preciso que o mesmo Deus se levante e aponte o caminho de volta para Ele. A queda nos trouxe o grande problema do sincretismo. Muitas vezes nos apropriamos de filosofias e sistemas de pensamentos universais que são falsos, isto é, baseados em princípios não bíblicos. Assim os não-cristãos, e até mesmo cristãos, baseiam suas vidas em ídolos, em falsos deuses e acabam concebendo uma verdade falsa e a partir da fé depositada nela estruturam toda a sua realidade. PEARCEY (2006, p. 45) vai dizer que: “A fé é uma prática humana universal, e se não for dirigida a Deus será dirigida a outra coisa”. Não existe neutralidade, a queda atingiu todos os campos de atuação humana gerando uma série de distorções em seus sistemas. Na política a corrupção é regra, ser honesto é exceção. No sistema econômico e empresarial a cobiça fala mais alto do que o compromisso. A educação não mais ensina, é reprimida. A cultura é relativa, se você se sente bem então faça, o que não pode é reprimir seus desejos. A religião é opressora. Todas as áreas da nossa vida foram afetadas pela queda. Nada ficou a quem de seus efeitos.

2.3 REDENÇÃO

Ao ver Deus em que direção caminhava sua boa, porém caída criação, se irou, no entanto, essa ira não acompanhou um desprezo, ao contrário, um “sentimento” de amor fez com que Ele abraçasse seu mundo. O ápice desse amor foi a morte de Jesus Cristo, seu próprio filho. Devemos entender como aponta Goheen (2016, p. 89) que a salvação é a narração abrangente da criação. Ela se dá de forma progressiva, restauradora e totalmente abrangente. Isso quer dizer que Deus vem ao longo da história fazendo com que sua criação volte a ser como no plano original, isto é, a restauração de toda sua boa obra inaugurada por meio da vida, morte e ressurreição de seu filho que trouxe a revelação do reino de Deus.

É nesse ponto que entra a conversão. Segundo Pearcey (2006, p. 50) A conversão tem o propósito de dar direção a nossos pensamentos, emoções, vontades e hábitos. É um redirecionamento, um apontamento em direção a Deus. Como

afirma a autora o pecado, consequência da queda, é um afastamento de Deus para servir a outros deuses, conseqüentemente, adotamos comportamentos imorais. A redenção é em essência o abandono desses ídolos juntamente com um retorno a Deus.

O evangelho é o poder de Deus para a salvação.⁸⁰ Essa Verdade tem que ser pregada. A mensagem da cruz é a única esperança do homem. Essa esperança não é um desejoso tatear de um amanhã incerto, mas uma confiante expectativa arraigada na realidade que ocorreu dois mil anos atrás (CARSON & KELLER, 2013, p. 333). Somente por meio dela os pecadores poderão ser salvos da condenação a qual todos estão sujeitos.⁸¹ A igreja, ao ser fiel à narrativa bíblica, chamará as pessoas a se converter, a crer no evangelho, a fazer parte da narrativa da Bíblia – e também vivenciá-la (BARTHOLOMEW & GOHEEN, 2016, p. 16). Não podemos nos tornar “ignorantes” quanto ao Evangelho. Ele é a Verdade e nossa motivação para viver. Como diz WASHER (2012, p. 18) “Não há nada mais grandioso na vida cristã do que o Evangelho. Nunca haverá nada mais grandioso do que o Evangelho. E não há poder para salvar à parte da clara proclamação do Evangelho”.

Agostinho experimentou uma grande transformação em sua vida ao aceitar essa verdade. Antes de se tornar bispo de Hipona, o jovem Agostinho vivia uma vida entregue aos prazeres da carne. Uma vida mergulhada na luxúria. Apaixonado pela busca pela verdade foi com a aproximação com o Cristianismo que ele começou a conflitar consigo mesmo.

Mantinhame-me preso umas tantas bagatelas, umas vaidades de vaidades, antigas amigas minhas, que me puxavam por minhas vestes carnis, murmurando: “Então, nos abandonas? De agora em diante nunca mais estaremos contigo? Desde este momento nunca mais te será lícito isto ou aquilo? [...] faziam com que eu, vacilante, tardasse em me separar delas para correr para onde me chamavam, enquanto o hábito violento me dizia: “Julgas que poderás viver sem elas? [...] enchiame de vergonha por ainda ouvir o murmúrio daquelas bagatelas e, vacilante, continuava indeciso. Mas de novo a voz da castidade parecia me dizer: Não dês ouvidos às

⁸⁰ 1 Coríntios 1:16.

⁸¹ Romanos 3: 21-26.

tentações imundas da tua carne impura que te prende à terra, a fim de que seja mortificada. Ela te fala de deleites, contrários, porém, à lei do Senhor teu Deus. Essa luta se desenrolava no fundo do meu espírito, de mim contra mim mesmo. Alípio, sem sair de perto de mim, aguardava em silêncio o desfecho de minha insólita agitação (AGOSTINHO, 2018).

Agostinho se encontrava aos prantos e murmuros, até o momento que ouviu uma voz de criança repetindo "*Tolle et lege, tolle et lege*" (toma e lê, toma e lê), e ao tomar a Bíblia, o primeiro texto que veio aos seus olhos dizia: "Comportemo-nos com decência, como quem age à luz do dia, não em orgias e bebedeiras, não em imoralidade sexual ou depravação, não em desavença e inveja. Ao contrário, revistam-se do Senhor Jesus Cristo e não fiquem premeditando como satisfazer os desejos da carne"⁸². Uma luz de certeza entrou em seu coração dissipando todas as trevas da dúvida. Após anos de incerteza, resistência e confusão Agostinho se encontra, e ao se encontrar, encontra Deus. Ele passou pelo processo que chamamos de conversão. Um processo onde nossos conceitos e definições são transformados. O Evangelho é esse poder de libertar e salvar, por isso a importância de conhecer o Evangelho. Saber o que é o Evangelho também nos indicara como reconhecer a verdadeira conversão.

Hoje vivemos em uma sociedade pluralista. Existem muitos costumes e culturas ao nosso redor, uma verdadeira avalanche de religiões e correntes filosóficas nos atrai, reclamando cada uma para si, o posto de verdade universal e caminho em direção a salvação. Mas sabemos que só existe uma única Verdade, um só Caminho que leva a Vida⁸³. Sendo assim, falar sobre uma cosmovisão cristã é outro modo de dizer que, quando somos redimidos, toda nossa perspectiva de vida é recentralizada em Deus e reconstruída em sua verdade revelada (PEARCEY, 2006, p. 51).

⁸² Romanos 13:13-14.

⁸³ João 14:6.

3. EPISTREPHO E METANOIA: O CONCEITO DE CONVERSÃO.

“O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas”.⁸⁴ Essas foram as primeiras palavras de Jesus ao iniciar seu ministério. A palavra aqui para arrependimento é metanoia, uma palavra muito importante para o cristianismo. Representa a primeira declaração de João Batista como o precursor do messias e a primeira declaração de Jesus como anunciador do reino de Deus. Essas palavras são de extrema importância para o cristianismo, pois, é a partir delas que o filho de Deus inicia seu ministério terreno. Infelizmente a tradução do termo na língua portuguesa não corresponde a altura de sua importância.

A tradução do termo como arrependimento não pode fazer jus ao original. De acordo com isso afirma Butler (1897, p. 443) que: “Arrependimento indica tristeza por algo que alguém fez ou deixou de fazer, especialmente, contrição por causa do pecado. Arrependimento primariamente significa “rever a ação de alguém e sentir-se contrito ou arrependido por algo que fizemos ou deixamos de fazer”. Tristeza, remorso e pesar não foi a mensagem pregada por Cristo. Antes de continuarmos, vamos caminhar um pouco pelos conceitos bíblicos de conversão.

No Antigo Testamento encontramos duas palavras para designar o termo conversão. *Nacham* e *Shuv*. A primeira comumente expressa um profundo sentimento, ou de tristeza (*niphal*) ou de alívio (*piel*). *Niphal* significa arrepender-se que com frequência é acompanhado por uma mudança de plano ou ação, enquanto *piel* significa consolar-se. Já *shuv* que é a palavra mais comum para conversão, significa volver, voltar-se, virar e retornar, geralmente se refere ao retorno de Israel ao Senhor. Essa palavra mostra claramente o que o Antigo Testamento designa como conversão; um retorno para Deus (BERKHOF, 2001, p. 443).

De acordo com seu significado etimológico, a conversão do latim *conversio*, significa uma inversão, uma mudança de direção, indica todo tipo de mudança ou transposição. Assim, a palavra é empregada para designar a operação pela qual se invertem os termos de uma proposição. A palavra *conversio* na

⁸⁴ Marcos 1:15

verdade tem origem de duas palavras gregas com diferentes significados; *ἐπιστρέφω* (epistrepho) e *μετανοέω* (metanoia). De acordo com Culver (2012, p. 926) no Novo Testamento, a ideia de conversão ou de afastar-se do pecado, da morte e do diabo para a santidade, a vida e a Deus, é geralmente transmitida por essas duas palavras.

A palavra grega *μετανοέω*, a mais comum, é composta por duas palavras: *meta* que significa "depois" ou "mudar" e *nous*, a palavra grega para "mente". *Para Moulton (2007, p. 278) representa uma mudança na estrutura mental e sentimental; realizar uma mudança nos princípios e na prática; reformar e ainda uma reversão do passado. De acordo com Rusconi (2003, p. 193) ἐπιστρέφω* significa voltar, reconduzir, retornar e virar em direção a.

De maneira simples podemos dizer que conversão é a volta de um pecador para Deus. Infelizmente a igreja foi perdendo o sentido original do termo. De acordo com Berkhof (2001, p. 444), na teologia latina, Lactâncio traduziu o termo metanoia como "*resipiscentia*" que denota um retorno da loucura ou insensatez, no entanto, a maioria dos escritores resolveu traduzir o termo como "*poenitentia*" que designa uma tristeza ou pesar sentido por uma pessoa que cometeu um erro ou engano qualquer. O elemento emocional foi tão enfatizado que causou uma ruptura tão grande com o original a ponto de a Igreja Católica Romana traduzir "*metanoieite*" em Mateus 3:2 por "*poenitentiam agite*" – literalmente "fazei penitência" – na Vulgata. Por isso Coleridge (2003, p. 478) usa o termo "transmentation" ou "transmentação" para designar uma "mudança de mente".

Os dois termos foram originalmente cunhados pela filosofia antiga. Nesse período, a conversão consistia mais de ordem político-filosófica que religiosa. Era na política que se enxergava a possibilidade de "mudar a mente" do adversário por meio do debate e métodos de persuasão. Para Platão a conversão da alma viria por meio da educação, assim, o homem poderia chegar a ascensão. Tornar-se filósofo era experimentar uma "transformação na alma" que acarreta uma mudança em toda a realidade da vida (2014, p. 276; (521c)). É o desviar dos olhos do mundo sensível, o direcionando para a luz, para a ideia do Bem (2014, p. 272; (518c)). Por isso aponta Szlazák (2005, p. 83) que "Em

todas as partes em que Platão evoca o conceito *philosophos*, ele se refere a essa reorientação ontológica”. De acordo com Hadot:

A filosofia tornou-se essencialmente um ato de conversão. Esta conversão é um evento provocado na alma do ouvinte pelas palavras do filósofo. Corresponde a uma ruptura total com o modo costumeiro de vida: troca de roupa e, muitas vezes, de regime alimentar, às vezes a renúncia aos assuntos políticos, mas acima de tudo uma transformação total da vida moral, prática assídua de numerosos exercícios espirituais. (HADOT, 1968, p. 980).

Podemos considerar então que a conversão, em seu sentido filosófico, é um retorno a si mesmo através da meditação e concentração. Um retorno a si mesmo para recuperar sua natureza original renunciando o mundo ao seu redor que causa uma profunda reviravolta na alma. Para os neoplatônicos, ainda segundo Hadot, apenas a realidade verdadeira, isto é, a realidade espiritual, é capaz desse movimento que é reflexivo. Para realizá-lo, o espírito separa-se de si mesmo para retornar a si mesmo, põe-se em êxtase fora de si na vida e volta às suas raízes, recuperando-se no pensamento. A encarnação de Jesus é o exemplo perfeito desse pensamento. Primeiro temos a encarnação como um movimento de saída ou separação de divindade. Depois vem o movimento de conversão (*ἐπιστρέφω*), um retorno da posição de humano a divindade.

Para Marx (2004, p. 105) em seu contexto político-social e filosófico, o comunismo é a real apropriação efetiva em essência do homem pelo e para o homem, um retorno a si mesmo, a humanidade, que conscientemente assimila toda riqueza do desenvolvimento interior. Para ele a realidade humana era capaz desse movimento de alienação e retorno, perversão e conversão.

De volta ao cristianismo. Deus se fez conhecido a toda a humanidade. Podemos reconhecer essa verdade por meio da natureza, da história e mais intimamente, por nossa consciência. A consciência, aqui destacada, é de grande relevância. Você pode perguntar a qualquer um, aqueles nunca iniciados em alguma cadeira religiosa e até mesmo os que rejeitam a existência de Deus. Todos têm um ideal moral para certos tipos de comportamentos. Mesmo sem o conhecimento da lei Mosaica estes fazem, naturalmente, aquilo que é exigido pela lei. Ela esta escrita em seus

corações e sua consciência os acusa.⁸⁵ Sendo assim, Bavinck (2012, p. 135) diz que todos os seres humanos têm uma consciência mais ou menos precisa do pecado, da culpa e punição e, ao mesmo tempo também da lei moral e do bem que são obrigados a fazer.

A dualidade Greco-filosófica também se apresenta na conversão cristã. Podemos observar essa característica na pregação de Pedro em Atos: “Arrependam-se (*μετανοέω*), pois, e voltem-se (*ἐπιστρέφω*) para Deus, para que os seus pecados sejam cancelados.⁸⁶ Da mesma maneira que no sentido filosófico a conversão cristã reflete a liberdade do homem que através de Cristo é capaz de romper com seu passado e reinterpretá-lo através de sua conversão. A conversão Cristã está intimamente ligada a fé no Reino de Deus anunciado por Cristo.

Costumeiramente, o uso teológico de conversão diz respeito a um movimento espiritual para Deus. Grudem (1999, p. 592) define conversão como sendo nossa resposta espontânea ao chamado do Evangelho, pela qual sinceramente nos arrependemos dos nossos pecados e colocamos a confiança em Cristo para receber a salvação. Em concordância afirma Strong (2007, p. 1461) que conversão é a mudança voluntária na mente do pecador, na qual, por um lado, ele dá as costas para o pecado, por outro, se volta para Cristo. Calvino (2015, p. 129) afirma que ninguém pode receber a graça do evangelho pela fé sem que volte atrás em sua vida extraviada, tome o caminho reto e se dedique com todo seu empenho a refletir no verdadeiro arrependimento. A mudança de seu comportamento deve ser exteriorizada do contrário, como disse C.S. Lewis (2014, p. 110) sua “conversão” é imaginária. Sentimentos bons, maior desejo religioso, nada disso tem importância se de fato nosso comportamento não mudar.

A conversão no sentido empregado no Novo Testamento ultrapassa o sentido original Grego. Não é apenas um desviar-se do pecado assumindo um código moral mais elevado visando uma mudança na totalidade da vida interior, buscando um retorno a fonte, a perfeição (*epistrophê*). Nem muito menos é um viver eterno em lamento e penitência (*poenitere*). É, além de um aperfeiçoamento moral, expressar, manifestar, exteriorizar ou testemunhar a fé em Jesus Cristo e no Reino de Deus. Ele

⁸⁵ Romanos 2: 14-15

⁸⁶ Atos 3:19.

ultrapassa o sentido intelectual grego e abraça um sentido interior, volitivo que abrange a totalidade da vida nas esferas racional e espiritual. Por tanto, metanoia (passarei a usar conversão) corresponde a aceitação das Boas Novas de Jesus Cristo surgindo um novo modo de pensar baseado em Deus e Sua Revelação. Nesse sentido o termo se aproxima muito do hebraico *shuv* que expressa um arrependimento intimamente ligado a um retorno a Deus em obediência a sua vontade demonstrando total confiança Nele.

A conversão envolve uma mudança radical que é seguida de ação, atitude e movimento contrário ao que se praticava. Ela muda a estrutura de um pensamento. Faz com que ideias, conceitos e princípios sejam reformados e renovados. Muito mais do que um jogo de barganha num sistema de punição e recompensa, ela expressa uma mudança no interior (mente) que reflete o exterior (ação). Segundo A. W. Pink (1998) “A conversão autêntica, a conversão *salvadora*, consiste em voltar-se do pecado para Deus, em Cristo. É lançar por terra as armas da minha luta contra Ele; é a *cessação* do desprezo e da ignorância sobre sua autoridade”.

4. TRANSFORMANDO COSMOVISÕES

No ambiente de culto após a exposição da Palavra, o pregador geralmente faz um convite que é o que se chama de apelo. O apelo consiste em convidar as pessoas a aceitarem Cristo como Senhor e Salvador de sua vida. Essas duas propriedades estão entrelaçadas. Da mesma forma que um senhor de escravos não pode libertar os escravos de outro senhor, Cristo só aplica sua “libertação” sobre aqueles que se submetem ao seu senhorio. Não por que Ele não possa fazê-lo, mas porque assim foi estabelecido,⁸⁷ sabendo que Ele quem nos escolheu primeiro⁸⁸ e só os seus atendem o seu chamado,⁸⁹ pois, foram estes quem o Pai os enviou.⁹⁰

⁸⁷ João 3:16

⁸⁸ João 15:16

⁸⁹ João 10:27

⁹⁰ João 6:37

Reconhecer Cristo como salvador não é a mesma coisa de chama-lo de seu Senhor. A verdadeira conversão é o reconhecimento da rebeldia contra a autoridade de Deus sobre todas as esferas de sua vida. Quando reconhecemos a nossa altivez e indiferença quanto a esta verdade, nos deixamos ser moldados pelo Espírito Santo, afim de que ele transforme nosso entendimento para o surgimento de uma nova vida. Uma vida guiada pelos princípios de Deus. Deixando de andar de costas para luz a caminho da destruição:

A face do homem se desviou de seu Criador. Desde o dia fatal em que nossos primeiros pais quebraram a Lei de Deus, temos sido, todos nós, culpados do mesmo grande crime. Defendemos que os homens têm suas costas voltadas para a luz, e que estamos descendo estrada a baixo, no caminho que leva à destruição. O que precisamos é ser direcionados à direção oposta à que seguimos, pois este é o significado da palavra "convertido": virado para a posição correta. (SPURGEON, 2015)

Assim uma metanoia em termos mais contemporâneos é uma mudança de perspectiva, de paradigma, em suma é uma mudança de cosmovisão. É deixar de buscar as respostas em si e confiar e fundamentar sua esperança em Deus. Não é simplesmente participar regularmente de algumas tradições religiosas, muito menos ser reconhecido como um homem bom e honesto. Vai muito além disso. É preciso haver de fato um "novo nascimento" pois ainda que provemos da Graça de Cristo, podemos ter muito do velho homem que ainda corrompe nosso interior.⁹¹

Uma conversão autêntica faz com que assumamos uma nova identidade pela qual somos conhecidos como filhos de Deus. Gera de acordo com Walden (1896, p. 6) uma espécie de transfiguração mental, sob a qual a mente, quando colocada em uma nova situação, pensa novos pensamentos, recebe novas impressões, forma novos gostos, inclinações, propósitos, desenvolve novas aptidões; tal mudança pode ser boa ou má, mas tal mudança é possível. Não apenas homens e mulheres bons que possuem uma carteirinha de membro de igreja A ou B. É um novo estilo de vida baseado em Deus e seus princípios revelados.

⁹¹ *Mateus 7: 21-23*

Princípios que nos guiam para uma vida além do conceito materialista e ao mesmo tempo evita uma visão puramente espiritualista que nos faz esquecer do mundo e dos nossos irmãos.

Paulo, em sua carta aos romanos expressa muito bem esse entendimento. No capítulo 12, versos 1 e 2, o apóstolo roga ao povo uma renovação do entendimento. Essa renovação é entender, conceber e viver a ideia de que toda a história humana e todo o universo é sustentado pelas mãos do Deus Criador e que essa realidade depende de outra realidade espiritual. Por tanto o despertar de uma mente cristã não é simples um lamento. Na vida de Paulo houve um momento que se tornou um marco não só para sua vida como também para a história do cristianismo como o conhecemos hoje. Todos os cristãos conhecem a história da sua conversão. Aquele encontro extraordinário revolucionou a história do mundo. De perseguidor a perseguido. O que aconteceu com Paulo. Que tipo de transformação ocorreu naquela estrada para Damasco? O que de fato aconteceu na sua conversão?

4.1 PAULO

O apóstolo Paulo é certamente uma das figuras mais importantes do Novo Testamento. Seus escritos causam impacto até hoje na história do cristianismo. É importante ressaltar que a leitura da realidade feita por Paulo em sua época, nos atinge de forma precisa como se a nossa realidade se espelhasse com a sua. Para os cristãos as cartas paulinas são de extrema importância para a instauração de condutas, estabelecimento e legitimação de doutrinas, constatação da operação do Evangelho e sua ação na transformação da vida das pessoas. Enfim, o tratado teológico do apóstolo ocupa um lugar de destaque na narrativa bíblica neo testamentária. Mas nem sempre foi assim. Antes de ser conhecido como apóstolo, Paulo tinha outro nome que remetera a outra realidade que em muitos casos se distingue de maneira antagônica a essa.

O jovem Saulo de Tarso foi criado em uma das mais tradicionais escolas de pensamento do judaísmo. Como o próprio Saulo menciona,⁹² ele foi instruído rigorosamente aos pés de Gamaliel na lei judaica, sendo tão zeloso por Deus quanto qualquer

⁹² Atos 22:3

um. Saulo fazia parte de um movimento que buscava abençoar aqueles que buscavam seguir uma vida de obediência mais radical aos princípios judaicos. Da mesma maneira ele tinha o zelo de desencorajar aqueles que se desviassem usando todo meio possível incluindo a violência. Como exemplo desse “cuidado” podemos lembrar que o próprio Saulo esteve presente na morte de Estevão, aprovando o apedrejamento do jovem.⁹³ Saulo era um grande perseguidor do cristianismo. Como judeu zeloso, sentia que era sua missão divina perseguir os cristãos a ponto do extermínio total de seus adeptos.

Como explica NT Wright (2018, p. 38) a noção de religião no tempo de Paulo era diferente do que temos hoje. Para Paulo, religião não era um sistema de crenças. Consistia em uma “atividade” divinamente relacionada com todos os aspectos da vida. Em seu contexto o judaísmo era uma atividade. Atividade essa que se fundamentava na propagação e zelo do estilo de vida ancestral. Nesse sentido, como bem explica Wright, o cristianismo na visão de Saulo era um exemplo de um comportamento transgressor que devia ser erradicado se o objetivo de Israel fosse honrar a Deus. Esse era o propósito de Saulo. Seu zelo estava em guardar a tradição e perseguir os cristãos que, em seu entendimento, formavam um movimento que impediria os propósitos do verdadeiro Deus de Israel.

Saulo entendia seu lugar na história. Ele sabia que os livros de Moisés contavam de um Deus único que voltaria para libertar seu povo de uma vez por todas. Saulo entendia que ele fazia parte desse povo que seria liberto para uma eternidade com seu Deus e era seu dever extinguir todos que atrapalhassem esse desfecho. Israel sempre se desviava do caminho, sempre se inclinava para fora da vontade de Deus e Saulo sabia muito bem disso. Era seu dever guiar o povo de volta as tradições. Segundo WRIGHT (2018, p. 47), o “zelo” se desenvolve a partir da leitura das Escrituras. Quando encontramos os casos de Peor e Cosbi⁹⁴ pode-se enxergar as bênçãos e as maldições que se encontram em obedecer e desobedecer a Deus. No segundo caso podemos ver de forma mais clara o zelo que Deus tem pelo seu povo e como o próprio Deus é recompensador de quem zela pelo mesmo.

⁹³ Atos 8:1.

⁹⁴ Números 22-25.

Quando o povo estava em Sitim, começou a se entregar a imoralidade sexual com as mulheres midianitas que por sua vez, levavam os israelitas a adorarem e a sacrificarem ofertas aos seus deuses. Esse comportamento ascendeu a ira de Deus contra o povo. Em certa ocasião, um Israelita levou uma mulher midianita para sua tenda para se relacionar com ela. Quando Finéias viu o que acontecera ele imediatamente entrou na tenda e matou os dois. Deus, se referindo a Finéias, disse que ele desviou seu furor contra Israel e aos seus olhos, o neto de Arão, foi zeloso e por isso Deus o recompensou estabelecendo com ele, uma aliança perpétua de paz. Essas dentre muitas outras narrativas fizeram, segundo o Wright, com que Saulo se tornasse zeloso quanto a tradição.

Mas o que fez com que esse judeu zeloso e implacável perseguidor mudasse de atitude quanto ao cristianismo? Por que ele passou a zelar o cristianismo e de perseguidor passasse a ser perseguido? De que forma se deu essa mudança radical que fez com que ele deixasse de matar por zelo para morrer por zelo?

Diferente do que aconteceu com Agostinho a conversão de Paulo se deu de forma muito rápida – embora haja divergências.⁹⁵ No caminho para Damasco Saulo tem um encontro com Jesus. Esse encontro cegou a visão de Saulo ao mesmo tempo que possibilitou o abrir dos olhos de Paulo o apóstolo das boas novas. A conversão de Paulo não pode ser de todo entendida nos conceitos que usamos hoje. Em nossa contemporaneidade entendemos conversão como um ato de mudar de uma religião para outra. Não foi isso que aconteceu com o apóstolo. Mais uma vez nos baseando em Wright, nos tempos de Paulo não existia uma religião chamada judaísmo muito menos uma religião cristã. Paulo em momento algum deixou de acreditar no Único Deus de Abraão, Isaque e Jacó (p.71). O que havia naquela época segundo o autor eram grupos de pessoas que se reuniam para a propagação zelosa do estilo de vida judaico, isto é, comunidades de judeus que se concentravam no Templo e na Torá, orando ao Deus de Israel e estudando as Escrituras. Não havia uma religião chamada “judaísmo”, da mesma forma que não havia uma religião chamada “cristianismo”.

⁹⁵ Ver Atos 16:14

Saulo havia estado absolutamente certo em sua devoção ao Único Deus, mas absolutamente errado em seu entendimento de quem esse Único Deus era e de como suas promessas seriam cumpridas [...] Sua lealdade ao longo da vida estivera absolutamente certa, embora absolutamente mal orientada, uma vez que ele tinha zelo por Deus, mas não havia entendido a obra deste Único Deus. (WRIGHT N. T., 2018)

Podemos dizer, em termos atuais, que o modo como Paulo enxergava o mundo, a sua cosmovisão, estava bem fundamentada na verdade. Ele acreditava no Deus Criador. Acreditava na queda do homem e ansiosamente esperava a restauração de todas as coisas. O que lhe faltava era um redirecionamento. Paulo já conhecia as Escrituras, já possuía uma base sólida. A base estava firme, os degraus não. Somente após o encontro com Jesus que a metanoia, no sentido de mudar a mente, foi eficaz e renovou seu entendimento. Paulo manteve toda sua lealdade ao Deus de Israel, seu zelo continuou vivo, agora, com foco na pessoa de Jesus Cristo. E foi isso que Cristo fez com Paulo. Ele recebeu do Espírito que lhe colocou na direção certa, para se tornar um dos homens mais importantes da história cristã. Sua fúria se transformou em amor, se tornou dos homens a mais miserável. E assim com uma nova perspectiva e senso de direção começou a pregar o Cristo ressurreto.

4.2 FRANCIS COLLINS

Existe, no meio acadêmico, uma longa discussão entre a fé e ciência. Há quem diga que um cientista para ser respeitado em seu meio, deve ser estritamente racional e renegar qualquer possibilidade da existência de um Deus. Estes concebem apenas o desenvolvimento darwiniano. Tudo parte de um grande processo evolutivo que se estende por bilhões de anos. Tudo obra do mero acaso. Toda essa quebra de braço vem se desenvolvendo desde o episódio Galileu.

Historicamente a ciência e a religião não disputavam entre si. Na verdade, os maiores cientistas da Idade Média como Galileu, Copérnico e Newton eram adeptos da fé cristã. Marcelo Gleiser – cientista do ramo da física que esse ano ganhou o prêmio *Templeton* – afirma que hoje em dia os cientistas acreditam na metáfora de que quanto mais se conhece o mundo, mais se

conhece a mente de Deus, hoje isso se entende como uma metáfora, mas na época de Galileu e Newton era isso mesmo: o mundo era uma obra do Arquiteto Divino, e, portanto, quanto mais se conhecesse deste mundo pela ciência, mais se conhecia, de fato, a mente de Deus. (GLEISER, BETTO, & FALCÃO, 2001, pp. 86-90). A ruptura aconteceu quando o Papa Pio XI expediu o dogma da infalibilidade papal, ou seja, apesar de todo e qualquer questionamento, o papa é infalível. Ele ainda acredita que o quesito transcendência é o que aproxima as duas disciplinas.

Apesar disso, existem cientistas estritamente profissionais e responsáveis que professam a fé em um Deus criador, tendo o paradigma bíblico como ponto de partida para seus experimentos. É aqui que encontramos o Dr. Francis Collins. Um cientista que acredita em milagres.

Esse renomado cientista americano está a frente do maior projeto quando se fala em ciência. Como diretor do Instituto Nacional de Pesquisa do Genoma Humano desde 1993, Collins liderou o esforço para decodificar o DNA humano, desenvolvendo um método revolucionário de rastrear genes para doenças. No entanto, de acordo com esse cientista amplamente respeitado, o recém-descoberto poder de "ler nosso próprio livro de instruções" não é obstáculo para a fé na existência de Deus.

No entanto, antes de sua conversão, o jovem Collins se considerava ateu. Em sua infância, a fé não desempenhava um papel importante. Ele conta em seu livro "Eu tinha uma vaga consciência do conceito de Deus, mas minhas interações com Ele limitavam-se a momentos infantis e ocasionais de troca, com relação a alguma coisa que eu queria que Ele fizesse por mim" (COLLINS, 2007, p. 21). Collins ainda conta que aos 14 anos conheceu o poder da ciência e se maravilhou com as aulas de seu professor de química. O fato de toda matéria ser composta por átomos e moléculas que obedecem a princípios matemáticos que os ordenam, foi algo que cativou profundamente o futuro líder do Projeto Genoma. A química o atraiu cada vez mais para a ciência, pois para ele nenhum outro sistema oferecia lógica o bastante para chamar sua atenção, nem mesmo a biologia.

Já na faculdade, no curso de química, ele encontrou um ambiente estimulante e cheio de ideias, no entanto, vez ou outra, essas ideias levavam a discussão sobre Deus. Collins tinha uma certa experiência quanto ao assunto, entretanto, seu

conhecimento se limitava a algumas poucas experiências que facilmente eram combatidos por ateus que sempre são encontrados nos ambientes acadêmicos. Afirma ele: “durante alguns meses em minha carreira universitária, acabei por me convencer de que, embora muitas fés religiosas tivessem inspirado tradições interessantes de arte e cultura, não sustentavam uma verdade com fundamentos” (p. 23). Isso fez com que ele aderisse ao agnosticismo, sendo bem enfático em dizer que não era uma questão sobre saber se era possível ou não conhecer Deus. Ele não queria saber.

Depois de se formar, em Yale, em seu programa de doutorado em Físico-química, sua vida intelectual se viu imersa na mecânica quântica tendo Albert Einstein, Niels Bohr, Werner Heisenberg e Paul Dirac como seus heróis. Após uma leitura da biografia Einstein ele observou que seu herói não acreditava em Javé o Deus dos Judeus. Segundo ele: “isso apenas reforçou minha conclusão de que nenhum cientista pensante poderia cogitar seriamente a possibilidade de Deus sem cometer um tipo de suicídio intelectual” (p. 24). Aos poucos o agnosticismo foi dando lugar ao ateísmo, fazendo com que se sentisse bem à vontade para confrontar qualquer um que mencionasse qualquer crença espiritualista que em sua opinião era puro “sentimentalismo” e “superstição fora de moda”.

Insatisfeito com os poucos avanços em seu campo de pesquisa e a iminente carreira de professor que se desenhava a sua frente. O agora, Dr. Collins, resolveu, num esforço de ampliar seus horizontes, se inscrever em um curso de Bioquímica. Ali, encontrou algo que achara impossível, inserir princípios lógicos para compreender a biologia era fascinante. As pesquisas sobre o “DNA recombinante” e seu uso para a melhoria de vida da humanidade parecia bastante real. Foi aí que a vida teve novamente sentido para ele. Já no terceiro ano no curso de Medicina pela Universidade da Carolina do Norte, Collins teve experiências avassaladoras com pacientes doentes e moribundos. Um caso em especial lhe tirou o sono por alguns dias. Uma senhora que sofria de angina (dor no peito causada pelo enfraquecimento dos músculos do coração) que era incurável. O momento que lhe deixou embaraçado foi quando esta senhora, que já havia lhe dito sobre suas sólidas convicções cristãs, lhe perguntou em que acreditava. Sua resposta foi “não sei bem ao certo”.

O aspecto espiritual mostrado por estes pacientes impactou o Dr. Collins e o fez questionar sobre suas convicções:

Presenciei vários casos de indivíduos cuja fé lhes supria com uma reafirmação da crença sólida, de paz definitiva, fosse neste mundo ou no outro, apesar do sofrimento terrível que lhes era infligido, o qual, na maioria das ocasiões, não haviam feito nada para causar. Se a fé era uma muleta psicológica, concluí, devia ser bastante poderosa. Se não passava do verniz de uma tradição cultural, por que motivo aquelas pessoas não sacudiam seus punhos fechados para Deus, exigindo que seus amigos e parentes parassem com toda aquela conversa sobre um poder sobrenatural de amor e benevolência?. (COLLINS, 2007, pp. 28-29)

Questionamentos após questionamentos foram aos poucos destruindo toda “cegueira voluntária” e arrogância. Para ele uma investigação racional da fé negaria os méritos das crenças e reafirmaria as convicções ateístas. Agora, ele se via estudando as principais religiões do mundo a fim de encontrar algo em que pudesse se firmar. Depois de tentar ler muitos tratados que em sua opinião eram “muito difíceis” ele resolveu ter uma conversa com um pastor que morava em sua rua. Depois de ouvir suas questões o pastor lhe entregou um livro e o aconselhou a fazer sua leitura. Cristianismo puro e simples de CS Lewis. Ao se deparar com a leitura dos argumentos de Lewis, Collins notou que seus questionamentos eram como dignos de um garoto em idade escolar. Parecia que Lewis conhecia todas suas objeções quanto a fé. E conhecia. Antes de Collins, Lewis também trilhou o mesmo caminho do ateísmo.

Lewis lhe mostrou que Deus não era apenas uma possibilidade, mas uma plausibilidade. Para o homem racional, após estudar os fatos, acreditar era a escolha mais apropriada. Aceitar a fé porque fazia sentido era algo novo. O argumento mais surpreendente e transformador é para Collins o da Lei moral. Se alguém está se afogando, mesmo que não saibamos nadar bem, algo nos diz que a coisa certa a fazer é salvar a vida desta pessoa. Isso está intimamente em cada e qualquer cultura que se observe. Essa não é uma consequência evolucionária. A evolução vai dizer que o seu DNA tem que sobreviver. O outro é fraco. O seu é mais forte. Esse foi o momento em que Deus se tornou pessoal para mim.

4.3 RAJKUMAR RAMCHANDRAN*

O poder transformador da metanoia como já vimos, foi capaz de renovar a mente do escravo dos prazeres, do judeu e do ateu. Sem dúvidas a conversão é uma força arrebatadora. Diante dessas visões ela foi capaz de transformar o entendimento de cada um deles e mudar suas cosmovisões. Veremos agora mais um exemplo do poder do evangelho. A vida de Rajkumar Ramchandran é um exemplo de que não existem barreiras que possam conter esse poder. Como um homem religioso adepto do hinduísmo pode ter sua vida transformada pelo Evangelho?

Tudo ia muito bem para Raj. Trabalhando em uma grande empresa que daria a ele sua futura esposa com quem estava prestes a se casar uma vida boa. Cheios de planos para o futuro como a concepção de duas crianças para formar sua família. Homem muito religioso adepto das tradições hindus. Até o momento que um colega de trabalho afirmou que em todo esse tempo sua concepção sobre religião estava completamente errada. E para provar que sua ideia era a verdade, Raj resolveu estudar a Bíblia para provar que seu amigo estava enganado.

Aos 11 anos de idade Raj se tornou consciente de Deus. No entanto, como sua família de origem hindu e muito religiosa, sua divindade era Subramanyan o deus da guerra, além de fazer adoração a vários outros deuses. Como último filho de cinco, Raj cresceu muito mimado por seus irmãos e tendo sempre tudo que queria. Ele também foi um atleta e chegou a disputar campeonatos pela Madras Cricket University. Se formou em engenharia, sem muito esforço, a princípio por achar que eram suas orações o motivo de tanta graça.

Depois de se formar ele ingressou em um trabalho na Siemens em Bangalore com mais três amigos. Um destes amigos era um cristão. Um dia este amigo olhou para Raj e disse que só existia um caminho para ir ao céu. Através de Jesus Cristo. Raj, como já vimos, era um homem bem religioso. Em seu entendimento havia um Deus, mas vários entendimentos. Como se existisse uma verdade e cada religião possuía uma fração dela.

* *Relato formulado a partir do próprio testemunho de Rajkumar encontrado no Youtube em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HbisJkhDetc>> Acesso em: 05 abr 2019.*

Desse modo existiam vários caminhos que levavam a salvação. Raj era um relativista religioso.

Raj achou uma ofensa aquela declaração vinda de seu amigo, então resolveu desenvolver uma estratégia para mostrar a seu amigo “fanático” que ele estava errado. Raj então percebeu que mostrar isso a partir dos escritos de sua religião não funcionaria, assim, resolveu destruir o argumento de dentro para fora, ou seja, a partir da própria Bíblia. Se toda religião adora um deus e todos esses deuses são parcelas do Deus verdadeiro então, todos os livros sagrados são iguais.

O primeiro livro que ele leu foi o livro de João e foi nesse livro que o conflito começou a destruir todo seu argumento. A princípio, João se mostrou muito filosófico e isso agradou Raj. Raj resolveu parar de adorar seus deuses e orar ao Deus bíblico com a intenção de que Ele o ajudasse a encontrar a resposta que queria. A leitura ia muito bem até o momento em que ele chegou a João 14:6 onde Jesus afirma ser o caminho, a verdade e a vida e que ninguém vai ao Pai a não ser por Ele. Isso abalou as estruturas de Raj que passou mais de um mês sem abrir a Bíblia. As palavras naquele livro já tinham começado a agir em sua vida. Depois de voltar a ler, suas convicções, uma após outra, começaram a se desmoronar. Ao ler Hebreus 9: 27-28, a doutrina da reencarnação que acreditava ser verdade foi totalmente contrariada. Ali ele entendeu que Cristo veio ao mundo para morrer na cruz e levar o perdão para todos os pecadores. Mesmo como um hindu ferrenho ele sabia que era pecador e que deveria pegar por isso, mas nunca tinha percebido que na Bíblia, o que ele não poderia fazer, Cristo o fez.

Então, depois de um ano de leitura, em 25 de maio de 1980, Raj entrega sua vida a Cristo o agradecendo pelo presente da salvação. Na manhã seguinte Raj começa seu ministério de evangelização, cheio de expectativas e um ânimo novo. No final dos anos 90, Raj sentiu que era hora de deixar o mundo corporativo e dar a vida para contar às pessoas sobre Jesus. O Logos Ministries é o fruto dessa decisão. Desde então, ele pregou mais de dez mil sermões, em pouco mais de doze anos, em quarenta países, levando milhares de pessoas a descobrir o amor de Jesus. Seu trabalho levou-o a compartilhar sua fé com líderes políticos em governos estrangeiros e os pobres rurais em aldeias

sem eletricidade. Sua paixão é pregar o Evangelho e incentivar os Pastores a desfrutarem de servir a Deus no ministério.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resgatar o verdadeiro significado da conversão se mostra de grande importância para nossa igreja contemporânea. Devido a diversidade existente no pluralismo entre religiões e denominações que se consideram cristã, o desenvolvimento de um estudo sério sobre o tema é de cunho quase que apologético.

Grandes pregadores como John Wesley, George Whitefield e Billy Graham clamaram, sermão após sermão, para que as pessoas aceitassem a Cristo como Senhor e Salvador de suas vidas. Devemos entender o que é e o que causa uma conversão autêntica na vida do pecador. Conversão e salvação, apesar de andarem juntas, não são a mesma coisa. A salvação é efetivada pela obra divina que envolve regeneração, justificação, santificação e glorificação enquanto a conversão é, embora iniciada pelo Espírito Santo, uma obra humana. É a entrada nesse processo de restauração. Devemos nos lembrar que esse é um processo humano, mas, não é iniciado por nós. Paulo enfatiza que Deus é quem efetua em nós tanto o querer como o realizar.⁹⁶ Embora tenhamos uma responsabilidade no processo de conversão devemos entender que ele é iniciado, sustentado e concretizado pela Graça de Deus em nossas vidas.

Paulo em Efésios nos ensina que antes da obra divina em nossa vida estávamos obscurecidos em nosso entendimento⁹⁷ onde o deus desse século cegou o nosso entendimento⁹⁸. O homem é incapaz de ver a luz de Cristo, sua consciência obscurecida é incapaz de entender a mensagem do Evangelho. Conseqüentemente, sua visão de mundo é distorcida. Embora saiba que algo está errado, que tenha o conhecimento de Deus e que entenda que suas obras levam a morte, ainda assim seu coração o engana e arrogantemente continua no erro.

⁹⁶ *Filipenses 3:16*

⁹⁷ *Efésios 4:18*

⁹⁸ *2 Coríntios 4:4*

Na concepção cristã, a conversão é expressão do poder de Deus na vida do perdido. É o retorno a comunhão com Deus, o estabelecimento de uma nova vida regrada pelas leis de Deus, por uma conduta mais santificada, uma vida com padrões morais mais elevados. O resultado disso não é o próximo passo do processo evolutivo Darwiniano. Não é um novo estágio da vida. É se voltar para Deus e para aquilo que foi planejado desde a fundação do mundo.

Essa é a transformação espiritual que toca a vida de um pecador e o torna filho de Deus habitante de seu reino. E por exatamente envolver pecadores, também tem uma dimensão humana. As pessoas são chamadas para responder ao convite de Deus, e quando o fazem, são transformadas em suas vidas. Mudanças espirituais têm consequências terrenas. O Evangelho real, exige transformações reais.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, S. (2018). Confissões. Brasília: Monergismo.
- ARISTÓTELES. (2014). *Ética a Nicômaco* (4ª ed.). (E. Bini, Trad.) São Paulo: Edipro.
- BARTHOLOMEW, C., & GOHEEN, M. W. (2016). *Introdução a cosmovisão cristã: Vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea*. São Paulo: Vida Nova.
- BARTHOLOMEW, C., & GOHEEN, M. W. (2017). *O drama das escrituras: Encontrando nosso lugar na história bíblica*. São Paulo: Vida Nova.
- BAVINCK, H. (2012). *Dogmática reformada*. (V. Barbosa, Trad.) São Paulo, SP: Cultura Cristã.
- BERKHOF, L. (2001). *Teologia sistemática* (2ª ed.). (O. Olivetti, Trad.) São Paulo, SP: Cultura Cristã.
- BÍBLIA, A. (Romanos 12: 1-2.). *Sacrifícios vivos*. Mauá - SP: Geografica.
- BLAMIRE, H. (2006). *A mente cristã: Como um cristão deve pensar?* (H. G. Silva, Trad.) São Paulo: Sheed Publicações.
- BOISSON, D., & PINTO-MATHIEU, E. (2014). *La conversion: texts et réalités*. Rennes: Press Universitaires de Rennes.

- BUTLER, J. G. (1897). *Topical analysis of the Bible*. Butler Bible works Co.
- CALVIN, J. (2009). *Calvin's Commentaries (Vol. 23)*. Grand Rapids, MI: Baker Books.
- CALVINO, J. (2015). *As institutas da religião cristã*. (O. Olivetti, Trad.) São Paulo: Cultura Cristã.
- CARSON, D. A., & KELLER, T. (. (2013). *O Evangelho no centro: renovando nossa fé e reformando nossa prática ministerial*. (E. Gomes, Trad.) São José dos Campos: Editora Fiel.
- COLERIDGE, S. T. (2003). *The notebooks of Samuel Taylor Coleridge: notebooks 1819-1826 (Vol. 4)*. (K. COBURN, & M. CHRISTENSEN, Eds.) London: Routledge.
- COLLINS, F. S. (2007). *A linguagem de Deus (2ª ed.)*. (G. Cappeli, Trad.) Vila Madalena, SP: Gente.
- CROTTS, J. (2017). *Transtornando o mundo: aprendendo a evangelizar com o apóstolo Paulo*. (I. R. Fonseca, Trad.) São José dos Campos, SP: Fiel.
- CULVER, R. D. (2012). *Teologia sistemática: bíblica e histórica*. (V. Kroker, Trad.) São Paulo, SP: Shedd Publicações.
- FUNARI, P. (. (2009). *As religiões que o mundo esqueceu: Como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses*. São Paulo: Contexto.
- GLEISER, M., BETTO, F., & FALCÃO, W. (2001). *Conversa Sobre a Fé e a Ciência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- GRUDEM, W. (1999). *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova.
- HADOT, P. (1968). *Encyclopaedia Universalis*. Paris: Encyclopaedia universalis France.
- KELLER, T. (2018). *Deus na era secular: Como cétricos podem encontrar sentido no cristianismo*. São Paulo: Vida Nova.
- LEWIS, C. S. (2014). *Mere christianity*. Quebec: Samazdat. Fonte: http://www.samizdat.qc.ca/vc/pdfs/MereChristianity_CSL.pdf
- MARX, K. (2004). *Manuscritos econômicos-filosóficos*. (J. Raniere, Trad.) São Paulo: Boitempo Editorial.

- MOULTON, H. K. (2007). *Léxico Grego analítico*. (E. A. Oliveira, & D. M. Manço, Trads.) São Paulo, SP: Cultura Cristã.
- NEWBIGIN, L. (2016). *O evangelho em uma sociedade pluralista*. Viçosa, MG: Ultimato.
- PEARCEY, N. (2006). *Verdade absoluta: Libertando o cristianismo de seu cativo cultural*. (L. A. Macedo, Trad.) Rio de Janeiro: CPAD.
- PINK, A. (1998). *Is Christ your lord?* Pensacoloa: CHAPEL LIBRARY.
- PLATÃO. (2014). *A república: [ou sobre a justiça, diálogo político]* (2ª ed.). (A. L. Almeida, Trad.) São Paulo, SP: Martins fontes - selo Martins.
- RUSCONI, C. (2003). *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. (I. Rabusque, Trad.) São Paulo, SP: Paulus.
- SIRE, J. W. (2018). *O universo ao lado: Um catálogo básico sobre cosmovisões*. (5ª ed.). Brasília, DF: Editora Monergismo.
- SPURGEON, C. H. (2015). *Revelação e conversão*. (W. Teixeira, Trad.) O estandarte de Cristo.
- STRONG, A. H. (2007). *Teologia sistemática* (2ª ed., Vol. 2). (A. Victorino, Trad.) São Paulo, SP: Hagnos.
- SZLEZÁK, T. A. (2005). *Ler Platão*. (M. C. Mota, Trad.) São Paulo, SP: Loyola.
- WALDEN, T. (1896). *The great meaning of metanoia*. New York: Thomas Whittaker.
- WASHER, P. (2012). *Verdadeiro evangelho*. (A. Cristie, Trad.) São José dos Campos, SP: Editora Fiel.
- WASHER, P. (2014). *O chamado ao evangelho e a verdadeira conversão*. (E. Gomes, Trad.) São José dos Campos, SP: Editora Fiel.
- WRIGHT, C. J. (2014). *A missão de Deus: Desvendando a grande narrativa da bíblia*. (D. H. Kroker, Trad.) São Paulo, SP: Vida Nova.
- WRIGHT, N. T. (2018). *Paulo: uma biografia*. (E. Bauleon, Trad.) Rio de Janeiro: Thomas Nelson.